

Bella Andre

*Em meus
pensamentos*

Tradução

Marsely De Marco Martins Dantas



CAPÍTULO UM

Lori Sullivan não estava procurando encrenca. Ela jura que não.

Só porque seu apelido era Mazinha e as encrencas pareciam segui-la aonde quer que fosse, não significava que Lori quisesse algo do tipo naquele dia. Pelo contrário, pela primeira vez na vida, estava em busca de paz e tranquilidade.

Ninguém na família dela sabia que estava de volta a São Francisco, acabando de chegar em um voo noturno de Chicago. Apesar de amá-los mais que tudo no mundo, não podia enfren-tá-los naquele momento. Seus seis irmãos, a irmã gêmea e a mãe eram a melhor família que uma garota poderia ter... e, mesmo assim, se eles descobrissem que estava de volta, não só iriam querer saber por que ela abandonou a turnê, que estava na metade, como também não iriam sossegar até obter todos os detalhes possíveis.

Como ela sabia disso?

Porque era exatamente o que tinha feito com cada um deles nos últimos vinte e cinco anos.

Então, em vez de pegar sua bagagem no Aeroporto de São Francisco e ir até o táxi que a levaria a seu apartamento, ela impulsivamente se dirigiu à locadora de carros.

— Bom dia, como posso ajudá-la? — perguntou a loira atrás do balcão, em um tom bem agudo.

Lori deduziu que ela e a moça deveriam ter a mesma idade, contudo ela se sentia ao menos uma década mais cansada.

— Preciso de um carro.

— Ótimo! Para onde você vai e por quanto tempo vai precisar dele?

8

O sorriso da mulher era tão brilhante que Lori sentiu os olhos lacrimejarem por causa do brilho. Felizmente, depois do voo noturno pelo país, ela havia colocado os óculos de sol assim que pousou para conseguir enfrentar a luz do sol que penetrava pela pequena janela do avião. Odiaria que a mulher pensasse que ela estava chorando.

Não, Lori se recusava a chorar por qualquer coisa que tivesse acontecido em Chicago. Ou durante um ano e meio antes disso.

Ela não era chorona, caramba. Nunca foi, nunca seria.

O mundo teria que fazer muito mais que lhe dar um namorado traíra e malandro, além de roubar sua carreira como bailarina, para conseguir fazê-la chorar.

Ela era jovem. Era saudável. Tinha a vida inteira pela frente.

De alguma forma, de alguma maneira, iria descobrir o que fazer nos próximos setenta anos.

O que a trazia de volta às perguntas da moça da locadora de carros. Para onde iria? E por quanto tempo?

Culpando a falta de sono pelo fato de seu cérebro apresentar um branco total, ela perguntou:

— Qual é o seu lugar predileto?

A mulher ficou momentaneamente surpresa pela pergunta de Lori, mas daí assumiu uma expressão sonhadora e disse:

— Pescadero.

Lori deslizou os óculos de sol para olhar nos olhos da atendente:

— Pescadero?

Tendo vivido no norte da Califórnia a vida toda, Lori imaginou que deveria ter passado por lá em algum momento, mas, pelo que se lembrava, Pescadero não passava de um monte de fazendas enfileiradas.

A jovem concordou com alegria.

— Eu amo as colinas verdes que parecem infinitas, todos aqueles carneiros e o gado pastando por lá, e o fato de o mar ficar no fim da estrada em quase todas as fazendas.

Lori adorava morar na cidade. Também adorava trabalhar na cidade, especialmente por conta de sua carreira de bailarina ter sido sempre intrinsecamente atrelada ao movimento a seu redor. Uma cidade pacata era o último lugar em que ela pensaria para passar férias não programadas.

— Parece perfeito. Por quanto tempo posso ficar com o carro?

Mais uma vez, a mulher lançou-lhe um olhar ligeiramente estranho antes de dizer:

— Um mês, e então você precisa preencher toda a papelada adicional. Mas é mais um lugar para passar o dia. Uma viagem curta. Não consigo imaginá-la passando um mês em Pescadero.

Apesar de Lori pensar a mesma coisa em silêncio, entregou o cartão de crédito e assinou uma dúzia de papéis prometendo que não iria danificar o carro. Alguns minutos depois, estava com a chave na mão e prestes a sair da locadora, quando se virou.

— Você sabe como chegar a Pescadero?

Uma hora e meia depois, Lori se perguntava se a zona rural chegaria ao fim em algum momento, até que avistou um telhado. Sentindo-se como um marinheiro no mar há meses antes de finalmente avistar a terra firme, Lori pisou fundo no acelerador em direção ao que agora parecia ser a minúscula rua Principal de Pescadero.

A moça da locadora de carros estava certa sobre os lindos campos verdes e os carneiros graciosos, mas, de alguma forma, ela se esqueceu de mencionar como o lugar era silencioso... ou solitário.

10 Lori havia preenchido seu mundo com música alta e enormes edifícios e pessoas vibrantes por tanto tempo que era estranho estar cercada por algo tão diferente. Ela ligou o rádio do carro em determinado momento, mas sentiu-se como se estivesse ligando um amplificador barulhento no meio da igreja, então desligou imediatamente.

Mesmo assim, não estava se sentindo exatamente bem-humorada, já que era o primeiro dia ensolarado que via em semanas. Estava decidida a curtir o sol e o céu azul. Além disso, como seu irmão mecânico-de-carros-barra-magnata Zach sempre disse, era demais entrar em um carro e simplesmente sair dirigindo por aí. Contudo, pensou ao olhar para o carro alugado, ele sempre fazia essas viagens em uma Ferrari. Além do mais, não ia sozinho, não agora que ele e Heather estavam apaixonados e noivos.

Lori estacionou em frente ao Armazém Geral de Pescadero no mesmo momento em que uma garotinha saía do estabelecimento com um grande sorriso no rosto e carregando um saco de ração. Um homem, o qual Lori presumiu ser avô da menina, estava apenas a um

passo atrás dela, segurando um filhote de cachorro. O homem usava botas de caubói e jeans, que combinavam perfeitamente com a cidade.

Quando saiu do carro, Lori viu o cãozinho da garota. Preso pela coleira ao poste mais próximo, assim que avistou a garotinha, o cão branco e preto começou a abanar o rabo com tanta força que seu corpo todo parecia uma pipa voando com a brisa. A menina imediatamente colocou o saco de ração no chão e pegou o cachorrinho nos braços para beijá-lo. O velho fazendeiro grisalho disse:

— Você vai mimá-lo. — A voz era áspera, mas os olhos estavam cheios de amor.

Pela segunda vez, Lori sentiu os olhos lacrimejarem. Já tinha se acostumado com o brilho da luz do sol e havia colocado os óculos no alto da cabeça há algum tempo, mas agora decidiu usá-los novamente.

Assim que pisou na calçada, tanto o homem quanto a garota pararam para olhar para ela, cada um deles a encarando duas vezes. Ela não conseguia entender o que os havia deixado tão chocados... não até finalmente olhar para si mesma.

Ah, é, era por isso. A blusa justa, sem mangas e com um tom rosa-brilhante, coberta de lantejoulas, que ia até o meio da coxa, e a meia-calça quase opaca combinando com os saltos coloridos com os quais havia dançado, eram um pouco estranhas para serem usadas no meio do dia. Não só ali, mas em qualquer lugar, de fato.

Lori havia se esquecido completamente do que estava vestindo quando saiu correndo do Auditorium Theatre em Chicago, colocou as coisas que estavam no hotel na mala e seguiu para o aeroporto, a fim de pegar o próximo avião para São Francisco. Colocou uma echarpe enorme no avião e no aeroporto, mas estava tão quente e ensolarado durante a viagem de carro que se livrou da echarpe, deixando-a no assento do passageiro.

É claro que o cachorrinho não se importava com o que ela estava usando, e, quando Lori passou a mão nele, contorceu o corpo peludo na direção dela.

— Que cãozinho fofo! — ela disse para a garotinha. — Qual o nome dele?

— Jonas.

— É um nome muito bonito — Lori disse, enquanto sorria e acariciava o cão, mas, assim que seus dedos tocaram o pelo macio entre as orelhas, o avô da menina os tirou de lá.

Um pouco depois, quando Lori se virou para ir em direção à porta da frente do Armazém Geral, o chão parecia estar se movendo embaixo dela. Segurando-se contra a parede, Lori percebeu que não tinha comido nada por quase vinte e quatro horas. Apesar do que a maioria das pessoas pensava sobre a vida das bailarinas, ela tinha um apetite saudável e um metabolismo rápido, e sabia que não devia ter ficado tanto tempo sem comer.

12

Se bem que, no momento, a comida não parecia algo tão bom...

Mudando de ideia, empurrou a porta. Ração e suplementos tomavam conta de uma parte da loja. No meio, havia uma exposição de tricô, jeans, botas de caubói e o que pareciam ser pacotes de meias e roupas íntimas. Do outro lado da loja, havia uma delicatessen, várias geladeiras com ovos, queijo e leite e prateleiras cheias de alimentos enlatados.

Ela pegou um saco de batatas chips e foi em direção ao caixa. O adolescente atrás do balcão ficou enrubescido.

— Em... em que posso... — Ele engoliu fundo e afrouxou o colarinho. — ... ajudá-la?

Mesmo tendo pensado em talvez ir para o carro pegar a echarpe para colocar ao redor do figurino de dança, ela curtiu a apreciação nos

olhos dele. Não é porque tinha desistido dos homens que não poderia ser desejada por eles. Dessa forma, teria o prazer de chutá-los para a rua, exceto adolescentes fofos, é claro.

— Qual lanche é a especialidade da casa?

Os olhos deles se arregalaram diante da pergunta, como se Lori tivesse pedido a ele para responder como a Terra gira em torno do próprio eixo em vez de frios e pão. E, nossa, o rapaz estava se esforçando para manter os olhos no rosto dela em vez de deixá-los cair na direção dos seios, que estavam totalmente à mostra com aquela roupa. Era tão fofo que ela queria saltar pelo balcão para abraçá-lo por fazer com que ela se sentisse atraente de novo, pelo menos por alguns segundos de adoração adolescente.

— Hum, eu não sei — ele engoliu a seco antes de se virar para olhar o cardápio de lanches escrito a mão no quadro atrás dele. — Talvez o Muffuletta?

— Parece bom. — Lori colocou as batatas no balcão e ele começou a registrar as compras dela. — Também vou querer uma xícara do café mais forte que você tiver.

Quem sabe quanto tempo ainda ela ficaria dirigindo pela zona rural até encontrar um lugar para passar a noite? O carro estava alugado por um mês, afinal de contas.

Ele pegou o dinheiro dela com as mãos trêmulas, e Lori perguntou:

— Você poderia me dizer onde fica o banheiro?

Ele derrubou tudo no chão, depois bateu a cabeça na gaveta da caixa registradora ao pegar o dinheiro que havia caído.

Obviamente sem confiar em si mesmo para falar dessa vez, o jovem apenas se ajoelhou no chão e apontou em direção ao fundo do estabelecimento, com a mão trêmula. Lori percebeu que seria uma boa ideia dar um tempo para ele enquanto preparava o lanche; ela odiaria

que ele cortasse o dedo com a faca só porque ela estava perto demais, cheia de brilho e com uma roupa justa.

Depois, Lori se olhou no espelho e teria rido se não tivesse ficado tão horrorizada com a bagunça que encontrou no reflexo. Com rapidez e eficiência, ela arrumou o cabelo e a maquiagem. Lori sempre acreditou na ideia de que, caso sua aparência estivesse boa, você se sentiria bem, mas, naquele momento, sentia que rímel e brilho labial não iriam resolver muito.

14 Depois de sair do banheiro, ela esperou um pouco e deu uma olhada pela loja. Pensando bem, o Armazém Geral era bem bonito por dentro, um “supermercado” da fazenda com mercadorias, roupas e ração para galinhas, e tudo tinha claramente a mesma importância para as pessoas dali. Uma mesa mostrava livros dos AUTORES LOCAIS, e ela parou para ver os livros de poesia, romance e alguns exemplares de técnicas de cultivo. Os livros lhe deram uma noção da comunidade que a loja apoiava. Era bem provável que fosse constituída por fazendeiros e suas famílias que estavam ali há gerações.

Lori fazia parte da comunidade da dança havia tanto tempo que nunca procurou fazer parte de nenhum outro universo. Principalmente porque os eventos da família Sullivan com a mãe e os sete irmãos aconteciam com frequência e tomavam o tempo livre que ela tinha.

No momento, até mesmo pensar em dançar revirava seu estômago. O ex a seduzira com a dança... e depois a traía com isso. Houve um tempo em que Lori dançava por si mesma, pelo puro prazer que a dança lhe proporcionava. Até os últimos meses, quando passou a ser pouco mais que um fantoche de Victor, dançando para tentar agradá-lo. Quando percebeu que nada o agradava, esqueceu-se de qualquer outra razão para dançar. E, no momento, parecia haver uma zona morta, adormecida, onde seu coração costumava ficar.

Com o tempo, ela encontraria outra comunidade para fazer parte.

Lori estava prestes a voltar para o armazém para buscar o lanche quando percebeu um quadro cheio de anúncios. Ela sempre se interessou pela vida de estranhos e devorava biografias tão rápido quanto sua irmã Sophie, a bibliotecária, lhe emprestava. Olhar para o quadro de avisos da comunidade era a janela perfeita para vidas que jamais viveria. E a verdade era que, enquanto tinha dirigido pela rua Principal, ficara surpresa com o charme da cidade. As fachadas das lojas tinham a graça do velho oeste, e Lori passou por uma quitanda que parecia ter saído de uma revista.

No meio do quadro havia um pedaço de papel branco com as palavras *Precisa-se de Trabalhador Rural*, com uma caligrafia forte e claramente masculina. Nem por um segundo em sua vida ela pensou em trabalhar numa fazenda. Pois a vida toda ela sabia exatamente o que seria: bailarina.

Talvez, se tivesse conseguido dormir mais que algumas horas a semana toda, examinasse a decisão de forma mais clara e com a cabeça mais fria.

Pois ela não estava procurando encrenca. Ela jura que não estava.

A questão era que, pela primeira vez em muito tempo, Lori sentiu uma agitação de entusiasmo. De ansiedade.

E uma emoção que a fez sentir como se estivesse com um pouco de medo.

Ela sempre gostava das montanhas-russas mais assustadoras dos parques de diversão, e era ela quem arrastava os irmãos para os filmes de terror. Mas o que poderia haver de assustador no trabalho rural?

Especialmente quando já havia decidido que seria a melhor trabalhadora rural que o mundo já tinha visto. Sem tentar agradar a

ninguém além de *si mesma*, sabendo que, no fim de um longo dia de trabalho na fazenda, teria feito um bom trabalho do qual se orgulharia.

Lori arrancou o anúncio do quadro e colocou-o sobre o balcão, na frente do rapaz do Armazém Geral. Ela era impulsiva, mas não estúpida, então perguntou:

— Você conhece o homem que anunciou isso? Ele é um cara legal?

O garoto assentiu.

— Claro! O Grayson é legal.

Lori gostou do som daquele nome. *Grayson*. Provavelmente algum velho fazendeiro como aquele avô que ela tinha visto na calçada, que estava casado há cinquenta anos e precisava de uma ajuda extra com as vacas e as galinhas. Ela não fazia ideia de qual seria a ajuda exigida, mas sempre foi o tipo de pessoa que aprendia rápido.

Ela sorriu e perguntou:

— Você pode me dizer como chegar à fazenda dele?

16

* * *

Aquele era exatamente o tipo de dia de que Grayson Tyler mais gostava — silencioso e cheio de trabalho pesado do nascer ao pôr do sol, caminhando por seus cento e sessenta alqueires.

Quando comprou a fazenda em Pescadero, três anos antes, o celeiro estava à beira de um incêndio e a casa, infestada de ratos. Havia cento e cinquenta anos o primeiro fazendeiro começou a trabalhar na terra e a administrou muito bem por um tempo, mas a última geração estava mais interessada nos carros luxuosos e nas propostas de venda do que no patrimônio que o avô passara a vida toda cultivando.

Grayson passara sete dias por semana nos últimos três anos trazendo a fazenda de volta à vida. Sua família chegou a pensar que

ele estava louco quando se mudou de Nova York para o que eles chamaram de “no meio do nada”, apesar de São Francisco estar a apenas uma hora. Não que ele tivesse ido à cidade. Ele conhecia muita gente que voava de Nova York a São Francisco regularmente. Havia muitas possibilidades de encontrar alguém do passado.

Essa era uma das grandes coisas em uma fazenda: o passado não importava. Tudo o que importava eram os animais que agora estavam com fome, e o futuro que poderia ser construído em um campo arado, com gado bem alimentado, com o tempo. Na verdade, Grayson passou a manhã ocupado, reformando o galinheiro, por isso as galinhas estavam no campo na frente da casa.

Ele estava martelando uma das últimas prateleiras para um novo galo quando ouviu o som de um motor de carro. A casa e o galinheiro ficavam tão longe da estrada que não dava para ouvir os veículos passando por Pescadero, o que significava que o carro estava em seu território.

Grayson cerrou os dentes diante da interrupção inesperada. As pessoas na cidade sabiam que não deviam aparecer sem avisar. Só muito de vez em quando um caminhão de entrega passava por lá com um pacote de Nova York.

Ele deixou o martelo de lado e virou-se para falar com quem quer que tivesse aparecido sem ser convidado, embora não tivesse reconhecido o carro. O sol estava brilhando no para-brisa, então ele não conseguia ver o rosto do motorista, mas, pelo vidro aberto na lateral, viu cabelos longos e negros esvoaçando.

Uma mulher? O que uma mulher estava fazendo na sua fazenda?

Droga, aquela era a última coisa que ele queria — uma turista perdida no caminho da única pousada na cidade, em busca de orientações.

As galinhas não estavam acostumadas a ficar soltas com carros por perto, e a estranha vinha pela longa estrada de terra com tanta

velocidade que uma de suas galinhas premiadas da raça inglesa Buff Orpington cacarejou e abriu as asas para fugir do veículo. Infelizmente, a galinha quase foi fatiada debaixo dos pneus em movimento quando a motorista tentou desviar para a esquerda para evitar atropelá-la... e acabou batendo em uma parte da cerca novinha em folha.